



## **CORA CORALINA, FLORACY ARTIAGA, GRACE MACHADO, HAYDÉE JAYME E TANTAS OUTRAS JORNALISTAS INVISIBILIZADAS NA HISTÓRIA DA IMPRENSA EM GOIÁS <sup>1</sup>**

JURY, Leticia Arantes, Universidade Federal de Goiás<sup>2</sup>

**Resumo:** Pesquisas isoladas buscam dar visibilidade ao protagonismo das mulheres jornalistas, mas a invisibilidade na história da imprensa existe, principalmente na goiana. Por meio deste estudo, em um recorte da importância de Cora Coralina, Floracy Artiaga, Grace Machado e Haydée Jayme Ferreira, enquanto produtoras de material jornalístico, buscamos despertar a atenção dos historiadores da mídia para tantas outras mulheres com pouco destaque. Isto se faz necessário na medida em que a história da imprensa brasileira é marcada pela existência de poucas abordagens sistemáticas do processo midiático e da enormidade de textos que o tratam fragmentada e pontualmente, sempre com destaque as figuras masculinas, como precursores e realizadores. Buscamos abordagens inovadoras, pesquisas em acervos, rompimentos com visões patriarcais consagradas, afirmações viciadas, incompletas e recorrentes nas bibliografias sobre o tema, para enfim apresentarmos as protagonistas invisibilizadas, os recortes históricos esquecidos, mas essenciais.

**Palavras-chave:** Invisibilidade. Mulher no Jornalismo. Lacunas da história da mídia.

### **Além dos doces e da poesia, o jornalismo!**

Em agosto de 1978, Cora Coralina concedeu uma entrevista a Associação Goiana de Imprensa. Na ocasião, ela citou que havia dois jornais políticos em Goiás, ‘O Goiás’, da família Leopoldo de Bulhões; e a ‘Imprensa’, de oposição. Segundo ela, o jornal literário do escritor Joaquim Bonifácio, denominado de ‘A Rosa’, era impresso em papel cor de rosa, e foi publicado em 1909; e contou que em todos eles, colaborava. Mas por que Cora Coralina, mesmo sendo articulista nestes jornais, não foi reconhecida enquanto parte da história da imprensa goiana?

Ainda nesta entrevista Cora Coralina fez uma análise dos dois principais jornais do Estado, que eram republicanos, tinham esta propaganda, mas que segundo ela, tinham suas reivindicações sociais, faziam política local, não havia muita oposição. “Parece que havia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste. <sup>2</sup> Jornalista (UFG). Mestra em Comunicação (UFG). Esp. Em Assessoria de Comunicação. Esp. Em Novas Tecnologias Aplicadas a Educação. Associada a Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia (ALCAR).



naquele tempo uma conformação muito grande com aquilo que o Estado era” (CORALINA, 1980, p.156).

Cora Coralina (1980) expos que a literatura é comunicação, assim como a poesia, o romance, os contos, as estórias, “tudo representa, formas de comunicação. Então faziam os pequenos jornais literários como forma de comunicação de grupo” (1980, p. 156).

Ao falar sobre censura, Cora Coralina disse que a autocensura é a pior de todas, e criticou que o dono do jornal, da empresa jornalística não quer entrar em choque com o governo, e sempre avisava aos colaboradores para ter cuidado com que escreviam, ou seja alertavam para a censura. “De modo que cada um se limita dentro do jornal, do noticiário, de suas condições, dentro das suas conclusões” (CORALINA, 1980, p.157).

Questionada de como se tornou jornalista e escritora, ela afirma que de forma espontânea, não teve preparo para escrever, fez um curso primário e ainda incompleto; que recebeu do ‘Alto o Dom’, dom expressivo de se expressar pela pena, pelo pensamento, pela palavra e pela forma escrita.

No mais eu aprendi com o grande livro da vida, cujo mestre é o tempo. O jornal que leio diariamente me dá atualização dos fatos; dá atualidade que vai principalmente no meu Estado, no meu país, e um bocadinho fora do país. Tanto que sirva para o meu gosto aqui. E o livro me dá uma cultura que eu não recebi de outras fontes; mas que me ajuda muito. Pois hoje sei que tenho um vocabulário que vivo dele. Tanto falando, e tanto escrevendo. (CORALINA, 1980, p. 157).

Cora Coralina demonstrou também sua visão quanto aos veículos de comunicação, ao dizer que “os caminhos estão abertos. O rádio, a televisão e as bibliotecas estão abertas. O rádio e a televisão trazem notícias de todos os cantos do mundo. E o Jornal também” (CORALINA, 1980, p. 158).

E a pessoa que escreve hoje tem elementos para escrever, para produzir, que absolutamente não tive. Hoje, a pessoa para se projetar, não precisa tanto esforço, ela não se acha sozinha; encontra-se inteiramente preparada e aparelhada. Ao contrário do que fui. No entanto, superei todos os obstáculos que se levantaram no meu caminho. Consegui lançar dois livros. Escrevi algumas mensagens. E acredito nessa juventude. E digo a ela que aproveite seu tempo; que o tempo presente é maravilhoso, e dele eu participo. (CORALINA, 1980, p.158).



Se Cora Coralina afirmou ter escrito para jornais da época, quantos textos escreveu? O que escreveu? Qual a importância da sua escrita em jornais para preencher as lacunas do protagonismo das mulheres na história do jornalismo em Goiás? Cora Coralina é uma das muitas mulheres invisibilizadas pela história da imprensa, ressaltada como doceira e poetiza, pouco lembrada como jornalista.

### **Outras protagonistas invisibilizadas**

Floracy Artiaga Mendes também nasceu na Cidade de Goiás, de acordo com o Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: séculos XVII a XXI (2017) em 20 de julho de 1912 e faleceu em Brasília no dia 30 de maio de 1978. Era filha de Zoroastro Artiaga e Aracy Monteiro Guimarães. Seu pai, jornalista, historiador, geógrafo, professor, advogado e escritor, fundou alguns jornais no Estado.

Floracy Artiaga Mendes nasceu nesse ambiente de defesa das causas goianas. Acompanhando desde cedo diversas lutas interessou-se pela cultura, pelo jornalismo, pela educação e pela liberdade de imprensa. Estudou no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, em Catalão/GO, mantido pela Congregação Agostiniana. No ano de 1926, tornou-se redatora do jornal Novo Horizonte da cidade de Catalão. Nessa cidade ainda colaborou com o jornal O Mosquito. Na Cidade de Goiás, a partir do ano de 1929, passou a ser redatora do jornal O Lar. (VALDEZ, 2017, p. 223).

Entre os anos de 1942 e 1944, produziu artigos para a revista Oeste. Já na Revista de Educação e Saúde, periódico que colaborou para as discussões e difusão da psicologia escolanovista em Goiás, redigiu vários textos. A partir do ano de 1946, tornou-se diretora dessa revista. (VALDEZ, 2017, p. 224).

Outra protagonista foi Graciema Machado de Freitas, mais conhecida como Grace Machado, desde os anos vinte, escrevia crônicas, matérias e outros para a imprensa. Em Goiás, era colaboradora de jornais como O Itaberay, O Lar, O Paratodos, O Jornal, além de revistas cariocas e jornais de São Paulo. “Escrever para a imprensa, seja em revistas ou periódicos, era privilégio do mundo masculino, no entanto, em silêncio, as mulheres ocupavam esses espaços muitas vezes assinando com pseudônimos para evitar identificação” (VALDEZ, 2017, p. 256).



Grace não se limitava a escrever o que era delegado às mulheres de sua época, como temas culinários, religiosos e familiares. Era uma escritora dinâmica, lúcida e atualizada. Falava sobre política e outros temas considerados próprios do mundo masculino. No ano de 1929 uma crônica de Grace, sobre o Cavaleiro da Esperança, Luis Carlos Prestes, líder da Coluna Prestes (1925-1927), ganhou primeira página de um jornal no Rio Grande do Sul e referências na imprensa nacional. (VALDEZ, 2017, p. 256).

Segundo Valdez (2017), Grace Machado residiu em Jaraguá, onde nasceu, até o ano 1954 quando seu esposo foi eleito Deputado Estadual e tiveram que mudar para Goiânia, onde, aos setenta e nove anos, faleceu, no dia 12 de julho de 1985. “Nota-se que está faltando, na história local, uma pesquisa mais rigorosa sobre Graciema/Grace Machado, pois não parece ser coincidência a tentativa de reduzir sua história ao anonimato” (VALDEZ, 2017, p.259).

### **Haydée Jayme: história e jornalismo**

Haydée Jayme Ferreira é autora do primeiro livro reportagem sobre a cidade de Anápolis. São 470 páginas que foram impressas pelo Centro Gráfico do Senado Federal, em 1981. A obra retrata aspectos históricos da cidade, manifestações religiosas, assistência social, medicina, clubes recreativos, cultura, cinema, teatro, radiodifusão, futebol, jornalismo, ruas, datas comemorativas, personalidades. Tudo isto em formato jornalístico, compilado ao longo da sua atuação na imprensa local. É a obra mais citada por pesquisadores, estudantes e historiadores em seus trabalhos acadêmicos sobre o município.

Anapolina, nasceu em 1926 e era filha do historiador Jarbas Jayme, autor do mais completo trabalho histórico sobre a Matutina Meiapontense, o primeiro jornal impresso em Goiás, fato ocorrido em Pirenópolis. Sua mãe, Maria Dinah Crispim Jayme, foi cantora lírica. Em 1992, aos 66 anos recebeu da Associação Goiana de Imprensa, o diploma Mérito da Goianidade, maior honraria a época da instituição. Foi jornalista dos maiores jornais da cidade O Anápolis e Correio do Planalto; e colunista da Revista Imagem Atual. Faleceu aos 73 anos, em 2 de janeiro de 1999, e dentre as homenagens, a crônica do também jornalista Jarbas de Oliveira,

Perdi uma grande amiga e Anápolis perdeu uma das figuras mais expressivas da sua poesia, da sua historiografia, do seu jornalismo. E que fez a cidade para testemunhar



à Haydée, a sua gratidão, o seu reconhecimento ao seu trabalho cultural? Que eu saiba, nada. Cumpre, agora, que a Câmara Municipal da cidade, pelo menos transforme a jornalista, poetisa, a pintora e a historiadora, em nome de rua, a fim de que, o seu nome ilustre, jamais seja olvidado. É certo que a autora de O Cisne Voltou a Cantar, sua derradeira produção poética, lá do além, em que se encontra, não está dando a mínima para a indiferença dos anapolinos. Entretanto, nós, os seus parentes e amigos, temos o dever sacratíssimo de exigir das nossas autoridades que o trabalho da ilustra falecida seja reconhecido, porque, afinal, a quem honra, honra. (MENEZES,2015, s/p).

Conforme o Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: séculos XVII a XXI (2017), Haydeé Jayme foi poetisa, historiadora, incentivadora cultural, apaixonada pela literatura, administradora, conferencista, membro da União Brasileira de Escritores de Goiás, da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, da Associação Goiana de Imprensa, onde também foi conselheira no ano de 1977, integrante do grupo de pesquisadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, onde colaborou com o censo de 1948, muito importante enquanto documento estatístico para pesquisadores interessados nessa década na cidade de Anápolis e no em Goiás em geral. (VALDEZ, 2017, p. 261).

Para a presente pesquisa, fizemos um recorte da atuação da jornalista. Definimos como veículo a ser investigado a Revista Imagem Atual. Na data em que a publicação mensal, editada na cidade de Anápolis, foi lançada, em abril de 1986, a apresentação ressaltava que o município com então um pouco mais de 200 mil habitantes não possuía nenhuma revista ou jornais, ao contrário da década de 50, em que a cidade chegou a contar com três jornais diários. A proposta da publicação naquele momento era cobrir a lacuna e trazer mensalmente notícias de política, economia, esporte, segurança, cultura, lazer, atualidades.

Na primeira edição, no expediente, a única mulher citada era a colunista Lucélia Braz Cunha, que assinava a coluna ‘Sociedade’. Os editores eram Castro Alves e Luiz Antônio Veronezzi; redator chefe, Júlio Sebastião Alves; redatores colaboradores, Aluisio Miguel Marques, Edison Calgaro, Jairo Mendes, Seleni Rodrigues Ferreira; fotografia, Fábio Cavalcante Mundim (Biola).

No entanto, mesmo não tendo o nome inserido no expediente, ela estava lá: Haydée Jaime Ferreira publicou seu primeiro texto, em formato de poesia, na seção de ‘Variedade’: ‘Um espermatozoide desencantado’, na primeira edição da revista. Uma crítica social, uma



análise de uma sociedade competitiva que se inicia no útero e se estende até a o momento da morte. E a necessidade de fuga, de retorno à paz.

Eu sou o espermatozoide que chegou primeiro, que batalhou, correu, venceu. Entre milhares de concorrentes foi um vencedor. Briguei pelo meu desenvolvimento: suguei o sangue e os elementos necessários ao meu fortalecimento. Contra os que pensavam me exterminar ainda no nascedouro, usei artifícios mil: explorei o amor, despertei consciências, anulei preconceitos. De repetene fui lançado, da Madre aconchegante ao grande útero do mundo. Ah! Se eu soubesse, não teria lutado tanto. A guerra aqui é de espermatozoides atuantes, mesquinhos e pensantes. É um alerta permanente, uma vigília constante. Percorrer a mesma trilha, o caminho da volta, e me integrar ao mundo cósmico, eis o meu sonho permanente (FERREIRA, 1986, p.34).

Na edição seguinte, no mês de abril, outra poesia – ‘Perdoa-me’ (Para a minha Lúcia). O texto escrito para a filha fala sobre idealizações de mãe e instinto de proteção: “Quis ver-te habitando um solar, com escadarias de mármore, entre cristais e porcelanas e candelabros de prata. De repente, vejo-te operária, eletricista, encanadora e carpinteira nos reparos da velha casa, tão velha e carcomida. Perdoa-me, filha, se não pude!” (FERREIRA, 1986, p. 24).

Ao final do texto, ela ressalta e valoriza a mulher que a filha se tornou:

A minha princesa encastelada transformou-se em lutadora, funcionária assalariada. A boneca de porcelana é apenas mulher: mulher filha, mulher irmã, mulher mãe, mulher amiga, mulher gente, muito gente. Perdoa-me filha, por te subestimar. Obrigada amiga, pelas lições que me deste! (FERREIRA, 1986, p. 24).

Na terceira edição, no mês de junho, Ferreira (1986) publica um artigo de página inteira – ‘A tendência política dos anapolinos’. ‘Tem-se dito que o eleitorado anapolino é sempre de oposição. Ora! Ser sempre de oposição, parece-nos mais aquela conhecida teimosia quadrúpede, destituída de raciocínio” (FERREIRA, 1986, p. 35). Para se contrapor a tais “aleivosias” (1986, p.35), ela publica um texto em que analisa as eleições municipais desde 1945, e faz um contraponto com o cenário nacional.

Para a jornalista, a consciência partidária em Anápolis começou a tomar corpo, nas eleições de 1958, quando disputaram Jornas Duarte e Heli Alves Ferreira. Foi a campanha do tostão contra o milhão. A vitória do segundo foi por uma diferença de 816 votos, conforme narra. Ela traz também a disputa seguinte entre os dois médicos Henrique Fanstone e Raul Balduino. “Eram ambos médicos, simpáticos e queridos pelo povo. Foi uma campanha



duríssima. Até o dia da eleição, ninguém teria coragem de apostar em qualquer um dos candidatos, pois os eleitores estavam divididos”, (FERREIRA, 1986, p. 35).

Ferreira (1986) também escreveu sobre as eleições no período da ditadura militar em que no ano de 1973, o ex-presidente Médice, pelo Decreto-Lei nº 1.284, declarou Anápolis área de interesse de segurança nacional, cassou os direitos políticos do prefeito eleito, que na época era José Batista Júnior, e teve início a era dos prefeitos nomeados, o que perdurou por 12 anos. Ela encerra o artigo destacando as eleições do dia 15 de novembro, em que quatro candidatos disputavam a prefeitura de Anápolis, após a redemocratização.

A partir de 1989, Ferreira (1989) passou a ter o seu nome no expediente da revista, como colaboradora e a escrever uma série especial sobre ruas e bairros de Anápolis, sempre com uma linguagem poética e ao mesmo tempo crítica. Ao falar sobre a rua Manoel da Abadia, por exemplo, criticou que a cidade cresce sem planejamento urbano; sobre a Barão do Rio Branco, “já foi tão insignificante, tão curta, que era chamada de Travessa Barão do Rio Branco” (1989, p.20).

O bar Sinhá Moça, de Selma Beze, era o ponto de reunião da juventude. Quem não se lembra e não sente saudade? A minha saudade é do Bar Cardoso, dos anos quarenta, anos da minha juventude. Em seu lugar, ergueu-se hoje o Unibanco. Hoje a Barão, durante o dia, regurgita de gente, gente indo, vindo, trânsito congestionado. A noite é aquele paradão, pois todo mundo fica em casa grudado na TV. A televisão acabou com o hábito das visitas, do vaivém na Barão ou nas praças da cidade. (FERREIRA, 1989, p.20).

Quantas ‘Haydées Jaymes’ têm na história de Goiás? Mulheres jornalistas protagonistas e pouco lembradas? Publicado em 1980, o livro ‘Imprensa Goiana – Depoimentos para a sua história’, com suas 434 páginas traz 61 depoimentos, sendo que deste apenas três são de mulheres jornalistas: Cora Coralina, Maria das Dores Campos e Zilda Diniz Fontes, conforme perfis abaixo.

Cora Coralina, filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto e Jacinta Luiza do Couto Brandão Peixoto. Nasceu em Goiás aos 20 de agosto de 1889. Poeta, escritora e colaboradora de vários jornais e revistas. Dedicou mais de 50 anos da sua vida à cultura de sua terra, tendo pronunciado dezenas de conferências abordando assuntos culturais. Entrevista em Goiás no dia 9 de agosto de 1978. (Associação Goiana de Imprensa, 1980, p. 155).



Maria das Dores Campos, filha de Lourival Alves de Campos e Felicidade Neto de Campos, nascida a 22 de março de 1911 em Catalão. Escritora e incentivadora da cultura catalana. Na imprensa, atuou desde criança como colaboradora de vários jornais de sua terra e de Goiânia. Entrevistada em Catalão, em julho de 1979. (Associação Goiana de Imprensa, 1980, p. 275).

Zilda Diniz Fontes nasceu em Morrinhos, filha de José Mendes Diniz e Laudomilla dos Reis Diniz. Dedicou-se inicialmente ao Rádio e passou a colaboradora de jornais como O Popular, Folha de Goiaz, Correio de Iutuitaba e outros. Escreveu várias peças de teatro para adultos e crianças. Entrevistada em Morrinhos, no dia 28 de julho de 1978. (Associação Goiana de Imprensa, 1980, p. 361).

Nas páginas de fotografias coletivas, dos jornalistas nas redações, as mulheres são Maria Beatriz Costa na equipe de reportagem do Jornal O Popular, em 1980; em outra Raquel Mourão Brasil e Abadia Divina Lima, repórteres do Diário da Manhã, também em 1980. Nas fotos individuais, Daura Sabino de Freitas e Laila Navarrete.

### **Amnésia histórica**

Melo (2003) afirma que a conjuntura atual é marcada pela desterritorialização e principalmente pela amnésia histórica. “Chegou a hora de estimular nas novas gerações uma espécie de nativismo sem xenofobia. O que significa fortalecer a autoestima nacional e regional num contexto de globalização acelerada” (MELO, 2003, p. 317).

O autor nos motiva ao desenvolvimento deste estudo que busca preencher lacunas na história da imprensa no que se refere a invisibilidade da mulher. Ao se referir a revista Walkyrias, ele diz que Jenny Pimentel de Borba, diretora da publicação, que mesmo diante da sua ousadia na década 30, permaneceu no ostracismo, durante quase meio século, até que Ana Arruda Calado, publicou sua biografia, “em certo sentido abasileirando-a para restaurar sua inequívoca valentia ameríndia e retirá-la do esquecimento nacional” (MELO, 2014, p. 241).

Para tentar sanar estas lacunas, o autor realizou pesquisas acadêmicas junto a programas de Mestrado e Doutorado, em diferentes regiões do país, o que resultou em um resgate da importância de mulheres que exercem suas atividades no meio acadêmico, que produziram (e produzem) pesquisas científicas, são escritoras, palestrantes, professoras. Ele as denominou de as ‘sete Valquírias’ (2014, p. 251), sendo elas: Adisia Sá, Anamaria Fadul,





Cremilda Medina, Lucia Santaella, Maria Immacolata V Lopes, Sonia Virginia Moreira e Zélia Leal Adghirni.

No entanto, há mais lacunas que precisam ser preenchidas, das mulheres jornalistas nas redações. Ao citar Ana Arruda Calado, Melo (2014) nos instiga a pensar o papel e a invisibilidade desta também jornalista na história da Imprensa. Ela foi uma precursora, a primeira mulher no Brasil a ocupar a chefia de reportagem de um jornal, o Diário Carioca. Isto foi em 1966, e a jornalista já havia construído uma história no Jornal do Brasil.

O que nos inquieta é identificar na imprensa goiana as nossas ‘Anas Arrudas’! A jornalista assumiu um cargo essencialmente, na época, comandado por homens, e tem pouca visibilidade na história nacional. Em entrevista à BBC, ela revela que a tarefa não foi nada fácil, pois enquanto saíam notas elogiosas sobre a sua conquista profissional, na redação os antigos repórteres se rebelaram.

No terceiro ou quarto dia na nova função, cheguei cedo ao jornal, como sempre, li todos os noticiários - era em papel que a gente se informava - fiz a pauta e comecei a distribuir as tarefas. Horas depois, um dos rapazes chegou, não me cumprimentou e foi andando pela redação. "Ei, Fulano, e a matéria? Como foi?". "Nada, não deu em nada." "Sim, mas venha aqui e me explique o que deu em nada e por quê". Ele deu um muxoxo, segurou o paletó com um dedo, e foi saindo. Vi, então que três outros repórteres estavam no fundo da sala, olhando para mim com um sorrisinho maroto. Peguei o telefone sobre a minha mesa, liguei para a Departamento de Pessoal e falei bem alto: "Seu Valverde, quero que o senhor prepare agora a demissão do repórter tal!" "Mas, dona Ana, a senhora tem certeza?" "Tenho, e quero urgência". Aquilo me fez mal. Não é agradável tirar o emprego de alguém. Mas acontece que, bancando a "sargentona", consegui depois a cooperação de todos. (BBC, 2017, s/p).

Sobre a importância de se promover uma pesquisa que resgate as contribuições das mulheres jornalistas, Charles (1996) nos indica que os estudos de gênero não gozam de prestígio e legitimidade entre a comunidade de pesquisadores, o que resulta na dificuldade de introduzir esta temática nas agendas prioritárias de investigação dentro das universidades. No entanto, as pesquisas que tem sido desenvolvidas em âmbito acadêmico buscam a construção social e cultural das identidades femininas.

Ela aponta que embora a mulher tenha um papel de protagonista nos meios de comunicação, os estudos acadêmicos na América Latina têm buscado nos últimos 30 anos, explicar e compreender a função dos meios de comunicação na consolidação do protótipo feminino dominante, assim como os valores, atitudes e condutas que o confirma. São, por



exemplo, para citar apenas alguns, estudos focados na imagem da mulher transmitidas pelas telenovelas, ou na recepção de conteúdos jornalísticos que confirmam a submissão da mulher a assuntos frívolos.

A autora ressalta que há vários desafios para pesquisadores interessados em aprender sobre comunicação na perspectiva de gênero. Para ela, ainda existem muitas áreas inexploradas sobre o assunto e que precisam ser definidas e entendidas a luz de novas pesquisas, que permitam esclarecer o complexo tecido de interações que supõe a mídia. Diante disto é que propomos esta investigação em busca de respostas para a problematização proposta.

Avella (2018) nos diz que ser jornalista mulher na América Latina é nadar contra a corrente. É, em pleno século XXI, continuar a luta pela defesa de direitos. “Nos defendendo como mulheres capazes de desafiar o poder, de estabelecer uma agenda, de defender a igualdade, de tomar decisões editoriais, de alcançar posições gerenciais” (Avella, 2008, s/n). E no Estado de Goiás quais os caminhos percorridos pelas mulheres nas redações de jornais?

Para a autora, as mulheres jornalistas não apenas enfrentam uma corporação historicamente dominada pelo sexo masculino, como também uma mídia cooptada por interesses capitalistas dominados por homens. “E no mais básico de nosso exercício, enfrentamos fontes, entrevistados, homens que mantêm poder e que eles nos deslegitimam como jornalistas pelo simples fato de serem mulheres”. (Avella, 2008, s/n).

Mesmo diante dos desafios que o estudo nos impõe, Melo (2014) nos inspira ao dizer que as mulheres ao longo da história ocuparam espaços consideráveis nos meios de comunicação, atuando como fontes de informação ou figurando como emissoras de mensagens de interesse coletivo.

Algumas são musas intelectuais, despertando paixões que forjam discípulos; ou modelos acadêmicos, inspirando novas gerações a produzir conhecimento relevante. Outras figuram como mestras, desempenhando papéis fundamentais no ensino e na práxis, quando não atuam como madrinhas, acolhendo e protegendo seus pupilos para avançar acadêmica ou profissionalmente. Não olvidemos as possíveis matriarcas, vocacionadas ou desempenhar papéis de mediadoras, formando clãs intelectuais. (MELO, 2014, p.262).

## **Lacunas da História da Imprensa em Goiás**



Borges e Lima (2008) se lançaram neste desafio ao publicar artigo durante as comemorações do bicentenário da imprensa no Brasil e os 40 anos de criação do curso de Jornalismo na UFG. Logo no início do trabalho já corroboram a importância do presente projeto de pesquisa: “A ausência de estudos e pesquisas sobre a história da imprensa em Goiás torna este artigo instigante e desafiador” (BORGES, LIMA, 2008, p. 69).

Há que se ressaltar, no entanto, que existem diversas pesquisas e obras publicadas sobre veículos de comunicação goianos, sobre o rádio, a televisão e a propaganda goiana. Há também cronologias, artigos de pesquisa, artigos de opinião, biografias e inventários sobre a história da imprensa em Goiás. No entanto, uma pesquisa ou obra que aborde, analise e apresente uma sistematização histórica da imprensa goiana, o que a constitui enquanto um objeto de pesquisa que clama por atenção, está por ser realizada. (BORGES, LIMA, 2008, p. 69).

As autoras nos indica a dialogar com Marialva Barbosa que traz uma perspectiva de pesquisa histórica enquanto movimento de reconstrução do passado que não fala estritamente do passado, e como também do presente; e com Michel de Certeau, (1982), que busca uma compreensão histórica que possibilita a reconstrução de fatos e memórias a partir de um diálogo estabelecido com as fontes históricas. Especificamente sobre a história e a participação da mulher na imprensa goiana as pesquisadoras afirmam,

Ainda invisível à história, a participação da mulher na imprensa goiana é outro tema que merece um estudo com maior acuidade. Possivelmente, um olhar que busque compreender as articulações entre a efervescência da imprensa em Goiás, descrita anteriormente, e o protagonismo de mulheres nesse campo vai revelar mais do que um interesse por assuntos considerados do universo feminino. Ao contrário, temas como feminismo, direitos civis e política faziam parte do cotidiano dessas produções. Índicios desse protagonismo existem, falta uma pesquisa que dê conta do tamanho real do papel da mulher no desenvolvimento da imprensa goiana. (BORGES, LIMA, 2008, p. 84).

## **Considerações finais**

Algumas pesquisas isoladas buscam dar visibilidade ao protagonismo das mulheres jornalistas. Em 2018, a pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Constância Lima Duarte publicou um livro onde compila todas as publicações assinadas por mulheres no século XIX. Na obra, ao acompanhar a luta feminista pela evolução dos periódicos, Constância explica que, depois da educação, veio o direito ao trabalho.



“É interessante que a Igreja, sem querer, ajudou nisso. Começou a abrir as escolas, então insistiram que deviam ser mulheres que deveriam ensinar as meninas, para evitar o contato de meninas com homens estranhos à sua família, então a primeira profissão para as mulheres foi de professora. A segunda profissão foi médica, você acredita? A mesma coisa. Mais no final do século, começa um movimento de que mulheres é que deviam olhar o corpo da mulher, cuidar de mulheres. Já tinha as parteiras, então a faculdade de medicina em 1875 abre para moças”. (FLECK, 2019, s/p).

Outra iniciativa importante de valorização da mulher jornalista foi proposta pelo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, que é detentor de um valioso acervo voltado às áreas da Imprensa. Sua hemeroteca, considerada uma das maiores da América Latina, tem viabilizado, ao longo dos anos, a produção de monografias, dissertações e teses.

Alusivo ao Dia Internacional da Mulher, a instituição realizou a exposição, na forma digital, “Imprensa Feminina: as pioneiras”. Na ocasião, os três periódicos selecionados foram também digitalizados: ‘O Sexo Feminino’ (1873-1874), ‘O Corymbo’ (1883-1943) e o ‘Escrínio’ (1899-1909).

É de suma importância, em se tratando de mulheres que dirigiram periódicos, registrarmos o nome da primeira mulher jornalista no Brasil: trata-se de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1787- 1837). Nascida em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, herdou a tipografia do seu pai adotivo e publicou, em 1833, o jornal legalista “*Belona Irada Contra os Sectários de Momo*” que criticava as ideias liberais defendidas pelos farroupilhas. Infelizmente, não existe imagem da sua diretora e redatora, assim como não há informação da localização deste periódico. O livro, do jornalista e pesquisador Roberto Rossi Jung, “*A gaúcha Maria Josefa, primeira jornalista brasileira*”, traz preciosos dados sobre a vida desta pioneira no jornalismo. Este livro foi publicado, em 2004, por Martins Livreiro / Editor. (LEITE, 2019, s/p).

Mas o que se observa é que o protagonismo da mulher é ressaltado apenas em datas comemorativas, de forma pouco sistemática e com visibilidade local. É neste sentido que este estudo tem como finalidade contribuir para o resgate da memória das mulheres jornalistas que, juntamente com os homens, construíram a história da imprensa em Goiás. Sabemos que a universidade, e os programas de Mestrado e Doutorado são espaços legitimadores da produção acadêmica. E as lacunas da historiografia precisam ser preenchidas!

## Referências Bibliográficas



ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. Cora Coralina. In: Imprensa goiana, depoimentos para sua história. Goiânia, Go. pp. 155-158.

\_\_\_\_\_. Maria das Dores Campos. In: Imprensa goiana, depoimentos para sua história. Goiânia, Go. pp. 275-278.

\_\_\_\_\_. Zilda Diniz Fontes. In: Imprensa goiana, depoimentos para sua história. Goiânia, Go. pp. 361-362.

AVELLA, Stefanía. Esto es ser periodista y mujer na América Latina. Disponível em: <https://cerosetenta.uniandes.edu.co/especial/8m-esto-es-ser-periodista-y-mujer-en-latinoamerica/>. Acesso em 24 out 2019.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira. História da imprensa goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. Disponível em: [https://www.proec.ufg.br/up/694/o/05\\_sumario.html](https://www.proec.ufg.br/up/694/o/05_sumario.html). Acesso em: jan. 2020.

CHARLES, Mercedes. Espejo de Venus: una mirada a la investigación sobre mujeres y medios de comunicacion. In: **Signo y Pensamiento**, n°28, 1996, p37-50.

FLECK, Giovana. Quem foram as primeiras jornalistas do Brasil? Exposição homenageia mulheres da imprensa. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/03/quem-foram-as-primeiras-jornalistas-do-brasil-exposicao-homenageia-mulheres-da-imprensa/> Acesso em 25 out 2019.

MELO, José Marques de. Valquírias midiáticas. In: **Teoria e metodologia da comunicação: tendências do século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 241-262.

\_\_\_\_\_. José Marque de. Carlos Rizini: pioneiro dos estudos midiáticos. In: **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003. pp 317-328.

MENEZES, Walter. Para não esquecer Haydée Jayme. Disponível em <https://www.dm.jor.br/opiniaio/2015/05/para-nao-esquecer-haidee-jayme/>. Acesso em jan. 2020.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3ª Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2010. pp. 23-47.

VALDEZ, Diane. Graciema Machado do Freitas. **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI** / Diane Valdez (Org.). – Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017. pp. 253-260.

5° ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA  
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO  
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03



ALCAR CENTRO-OESTE

WWW.ALCARCO.COM

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:  
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

Realização:



PPGCOM

FIC



Apoio: